

LEANDRO GOMES DE BARROS

Proprietarias: Filhas de José Bernardo da Silva

ESTORIA DO CACHORRO DOS MORTOS



Leandro Gomes de Barros

Proprietarias: Filhas de José Bernardo da Silva

O Cachorro dos Mortos

Os nossos antepassados
eram muito prevenidos
diziam: matos têm olhos
e paredes têm ouvidos
os crimes são descobertos
por mais que sejam escondidos

Em oitocentos e seis
na provincia da Bahia
distante da capital
3 léguas ou menos seria
Sebastião de Oliveira
all num canto vivia

Ele, a mulher e duas filhas
e um filho já homem feito
o rapaz era empregado
e estudava Direito
o velho não era rico
mas vivia satisfeito

As duas filhas eram moças
honestas e trabalhadoras
logravam na capital
o nome de encantadoras
chamavam atenção de todos
as grandes tranças tão louras

Esse velho era ferreiro
e ferreiro habilitado
vivia de seu serviço
plantava e criava gado
por 3 vezes enfeitou
o cargo de delegado

Havia um vizinho dele
Elizário Amorim
esse tinha um filho único
da espécie de Caim
enquanto o espanhol velho
até não era ruim

O filho desse espanhol
uma fera carniceira
velo provocar namoro
com a filha de Oliveira
uma delas disse a ele:
de nós não tem quem o queira

Ela disse: tu não sabes
que meu pai possui dinheiro
em terras e criações
é o maior fazendeiro?
ela disse: o meu é pobre
planta, cria e é ferreiro

— Minha mãe tece de ganho
nós vivemos de costura
meu pai vive de sua arte
e de sua agricultura
meu irmão é empregado;
para que maior ventura?

O sedutor conhecendo
seus plance serem debalde
e só podia vencê-la
por meio de falsidade
que é a arma mais propria
aonde existe a maldade

Salu dall Valdivino
fedendo a chifre quelmedo
e Angelita ficou
com o coração descensado
nem disse aos outros de casa
o que tinha se passado

Ele pensou em forçá-la
mas pensou no resultado
devido o pai de Angelita
ser muito considerado
o filho pelo governo
era muito conceituado

Exclamava ele consigo:
oh! Angelita, és tão bela
eu não sossegarei mais
nem me esquecerei dela
farei tudo pra vencê-la
porem não caso com ela

Mas Valdivino temia
o pai dela e o irmão
que o governo da provincia
tinha-lhes muita atenção
o rapaz era empregado
tinha consideração

Valdivino lada pensou
que matando Floriano
podia calçar com ouro
todo governo balano
alinda que entrasse em júri
não passava nem um ano

Ou poderia matá-lo
oculto em uma emboscada
pelo ninguém vendo o crime
ele não sofria nada
defunto não conta história
estava a questão acabada

Havia ali um engano
entre Vitória e Bahia
as divisões das provincias
ali ninguém conhecia
Sebastião de Oliveira
era o único que sabia

O governo da provincia
tendo aquela precieção
disse um dia: Floriano
você vá em comissão
chamar seu pai para vir
mostrar a demarcação

Valdivino de Amorim
viu Floriano passar
escolheu um lugar proprio
onde pudesse emboscar
dizendo dentro de si:
ele não pode escapar

A fera foi emboscá-lo
onde havia uma capoeira
carregou um bacamarte
fez duma árvore trincheira
distante um quarto de légua
da fazenda de Oliveira

O rapaz chegou em casa
o velho tinha saído
ver se achava um jumento
que havia se sumido
um amigo lhe escreveu
que lá tinha aparecido

O Floriano chegou
depois que o velho saiu
nesta tarde não voltou
com a família dormiu
deu o recado a mãe dele
de madrugada seguiu

Calar um cachorro velho
que Sebastião criou
quando Floriano saiu
Calar o acompanhou
Floriano quis o voltar
porem Calar não voltou

Passava ali Floriano
a fera então enfrentou-o
disparou o bacamarte
sem vide em terra lançou-o
Calar partiu ao sicário
o assassino amarrou-o

As moças lá da fazenda
ouviram o estampido
Angelita se assustou
dizendo: que terá sido?
o tiro foi para o lado
que o irmão tinha ido

Angelita convidou
a sua irmã Esmeralda
dizendo: vamos ali
a passeio pela estrada?
aquele tiro que deram
deixou-me sobressaltada

No sertão naquele tempo
podia uma moça andar
passavam 2 ou 3 meses
sem nenhum homem passar
por isso foram elas duas
Lão tinham o que reosar

Iam ali conversando
sob a aregem matutina
disse Esmeralda a irmã:
olha para o céu, menina
estás vendo aquelas estrelas
como têm a luz tão fina?

Chegaram onde o irmão
estava morto na estrada
o criminoso do mato
atirou em Esmeralda
e enfrentou Angelita
dizendo: não diga nada.

Angelita muito pálida
sem está esmorecida
vendo os 2 irmãos já mortos
por uma mão homicida
disse-lhe: monstro tirano
eu morro e não sou vencida

Ele disse: Angelita
com tudo isso sou teu;
fel dar-lhe 1 beijo nos lábios
e Angelita o mordeu
ele cravou-lhe o punhal
ela ali esmoreceu

Pondo a mão na punhalada
disse: monstro desgraçado
aquele cachorro velho
que está ali emarrado
descobrirá estes crimes
e tu serás enforcado!

Olhou para a gameleira
que tihs junto a estrada
dizendo: tu, gameleira
viste esta cena passada?
és uma das testemunhas
quando a hora for chegada

Já na última sgonia
exclamou; monstro assassino
tiraste agora 3 vidas
e não saóiss o destino?!
isto hei de te lembrar
perante o Julz Divino!

Não julgues que fique impune
este crime no deserto
tu não vês 3 testemunhas
que estão aqui muito perto?
estas perante ao público
irão depor muito certo

Disse Valdivino: és louca
quem viu o que foi passado?
disse Angelita: esse cão
que está ali amarrado
a gameleira e as flores
dirão no dia marcado

Olhou para o cão e disse:
olha, meu velho Calar
tu dirá tudo ao juiz
sem ele te perguntar
esta velha gameleira
fica para te ajudar

E essa flor que por ela
há festa aqui todo ano
há de tirar a justiça
duma suspeita ou engano
dirá ao juiz: venha ver
quem matou a Floriano!

As três vidas que roubaste
pagarás com tua vida
tu hás de te arrepender
depois da causa perdida
uma lágrima de dor
será por teu pai verdadeiro!

Contudo, monstro, perdôo-te
 porque fui e sou cristã
 a morte de meu irmão
 a minha e de minha irmã
 tu hoje matas a mim
 outro te mata amanhã

E pondo a mão sobre uma
 das punhaladas que tinha
 disse a Calar: se fugires
 consola a minha mãezinha
 e diga-lhe que abençoi
 os pobres filhos que tinha

Embora que tu não fales
 pois não te foi concedido
 mas um olhar bem olhado
 dá idéia dum sentido
 um ulvo e um olhar
 pode ser compreendido

E ali cerrando os olhos
 quase sorrindo, expirou
 o assassino olhando
 chorando se retirou
 depois pensou: isso é nada!
 com toda calma voltou

Já estava frio o cadaver
 porem nas feições mimosas
 via-se perfeitamente
 desenho de duas rosas
 como se fossem pintadas
 por mãos das mais curiosas

Em Esmeralda se via
o sangue ainda saindo
vestigio de zombaria
como quem morre sorrindo
como criança que brinca
finge que está dormindo

O rapaz banhado em sangue
bem no meio da estrada
à esquerda de Angelita
à direita de Esmeralda
com u'a mão na ferida
e a outra mão estirada

Valdivino tinha à noite
escrito numa carteira:
«Eu hoje hei de matar
«Floriano de Oliveira
«se não matá-lo eu me mato
«será minha derradeira»

Ditou e assinou o nome
pegou a arma e saiu
se encostou na gameleira
e a carteira escapou
havia um ôco na árvore
nele a carteira caiu

A fera não se lembrou
da testemunha ocular
perdendo aquela carteira
alguem podia achar
ela na mão da justiça
quem poderia o salvar?

Porém uma força oculta
 permitiu que ele perdesse
 e a mesma força impôs
 que dela ele esquecesse
 para dizer a seu tempo:
 o assassino foi esse!

Calar o velho cachorro
 que aquele espetáculo via
 soltando naves enormes
 que muito longe se ouvia
 rosnava e fitava os olhos
 debalde a corda mordia

Valdivino ali puxando
 um facão muito afiado
 descarregou no cachorro
 um golpe encolerizado
 errou e cortou-lhe a corda
 com que estava amarrado

Valdivino ficou triste
 vendo o cachorro correr
 lembrou-se do que Angelita
 disse antes de morrer
 porém disse: ele não fala
 como pederá dizer?

Celar chegou na fazenda
 uivando desesperado
 dona Maria da Glória
 já tinha se levantado
 quando ouviu o cão uivando
 aí cresceu-lhe o cuidado

E foi procurar os filhos
onde ouviu os estampidos
Calar foi na frente uivando
com enormes alaridos
dona Maria da Glória
lá aguçando os ouvidos

Como não foi o espanto
quando chegou no lugar
onde achou os filhos mortos
sem nada aíl atinar?
Calar sabia de tudo
mas não podia contar

Voltou Maria da Glória
num triste e penoso estado
já Sebastião em casa
a esperava sentado
não sabia da desgraça
que há pouco tinha se dado

Perguntou pela família
ela não pode contar
disse apenas: morreu tudol..
e apontou para o lugar
estendeu-se para um lado
sem nada mais atinar

Sebastião de Oliveira
foi por onde a mulher veio
achou a pôça de sangue
os filhos mortos no meio
olhou para o céu e disse:
é meu Deus que quadro feio!

Foi perguntar a mulher
como aquillo foi se dado
ela apenas lhe contou
o que tinha se passado
deixando o pobre encião
afrito e impressionado

Montou num burro e saiu
dall para a capital
quando chegou na cidade
foi ao quartel general
lá falou mais de uma hora
e nada disse afinal

Depois de muita insistencia
o presidente entendeu
perguntou por Floriano
ele lhe disse: morreu
ele e a familia toda...
e contou o que se deu

A justiça foi atrás
ver o que tinha se dado
encontrou os 3 cadáveres
no chão em sangue banhados
Calar estava uivando
junto dos mortos deitado

Foram à casa de Oliveira
ver se Maria da Glória
dava l roteiro que ao menos
se calculasse uma história
ela contou essa mesma
qu'elles guardam na memória

Dona Maria da Gloria
dois dias depois morreu
Sebastião de Oliveira
com 3 dias enlouqueceu
dentro de duas semanas
tudo desapareceu

A justiça da Bahia
não deixou de procurar
espalhou por toda parte
secretos a indagar
não havia uma pessoa
que dissesse: eu vi matar

Dava dez contos de réis
na moeda que quisesse
a pessoa que chegasse
e seriamente dissesse
teria mais um terreno
a pessoa que soubesse

Porém o crime se deu
quando ali ninguém passava
Calar sabia de tudo
porque no crime ele estava
se falasse descobria
desejo não lhe faltava

Impressonava a todos
habitantes da cidade
como deu-se a aquele crime
naquela localidade
Floriano de Oliveira
todos lhe tinham amizade

Atribuiu-se a um roubo
por algum aventureiro
mas o rapaz costumava
e não andar com dinheiro
questão de moça não era
ele era justiceiro

Os moradores de perto
eram todos conhecidos
compadres dele e do pai
e por eles protegidos
tanto que se dando o crime
todos ficaram sentidos

Eliziário era um desses
abortos que tem havido
desses que o pão que come
se considera estruido
fazer-lhe mal é pecado
fazer-lhe o bom é perdido

Esse era fazendeiro
porem dali não saia
nem era bem conhecido
no comércio da Bahia
só onde vendia lá
alguem lá o conhece

E o dono do açougue
onde ele vendia gado
e o banco onde tinha
dinheiro depositado
tanto que deu-se esse crime
e dele não foi lembrado

Sentiu o chorou bastante a morte do camarada e não foi à missa dele por não ser de madrugada pois só tinha uma camisa e essa estava rasgada

Tambem procurou saber quem seria o assassino não se pelo dinheiro ou pelo proprio destino mas nunca lhe veio à mente ser seu filho Valdivino

Onde deu-se o crime havia duas estradas em cruz diziam que ali se achavam umas flores muito azuis formando uma lapa igual a do Menino Jesus

Os balanos costumavam desde a antiguidade fazer uma grande festa naquela localidade véspera e dia de ano ali era novidade

Na capital da Bahia não havia outro festim havia missa campal orchestra e botiquim bailes naquelas latadas bem cobertas de capim

Em oitocentos e nove
estava a festa a terminar
um velho que ali passava
passou naquele lugar
atrás desse caçador
vinha o cachorro Calar

Abrigou-se numa sombra
vinha muito esbaforido
foi cheirar os pés das cruzes
que o senhor tinha morrido
cheirou as das duas moças
e depois soltou um ganido

Estava ali um general
um bispo e o presidente
com o chefe de policia
homem muito experiente
todos ficaram daquillo
impressionadamente

O general perguntou
de quem era aquelle cão
respondeu o velho Pedro:
este cachorro, patrão
é do defunte Oliveira
que Deus dê-lhe a salvação

— Este cachorro é o rei
dos cachorros caçadores
ainda vдора o lugar
que mataram seus senhores
se fosse de madrugada
seus uivos faziam horrores

Disse o chefe de pollicia:
inda não se descobriu
a morte de um patriota
que tanto a pátria serviu
foi logo neste deserto
em hora que ninguem viu

Disse all o presidente:
se ainda se descobrir
o autor desses 3 mortes
eu juro a Deus o punir
serei o carrasco dele
quando à força subir

—Sebastião de Oliveira
era um pobre acreditado
a familia deu exemplo
o filho um rapaz honrado
era um moço distinto
por todo mundo estimado

Então disse o general:
leso inda é descoberto
o crime foi muito occulto
feito aqui neste deserto
mas quanto chegar o dia
há de saber-se por certo

—Se eu vivo for nesse tempo
serei o algoz mais forte
serei um dos que o conduz
para o teatro da morte
com a minha propria mão
amolo o ferro que o corte

O cachorro ouvindo aquillo
ergueu-se muito contente
foi aos pés do general
festejou o presidente
como quem dizia: o crime
é punido certamente

Disse o bispo: esse cachorro
é testemunha ocular
ele viu quem fez as mortes
só falta é ele apontar
se ele visse o criminoso
podia o denunciar

Disse o velho: esse cachorro
fez uma coiza esquisita
tinha uma cobra enroscada
onde mataram Angelita
ele espedaçou-a a dentes
quase que se precipita

— Quando ele vem aqui
aos pés das cruzes se lança
solta um uivo muito triste
como quem pede vingança
como quem pede debalde
sem ter daquillo esperança

Nisto chega um cavaleiro
Valdivino de Amorim
andava fore, lnda viaha
ver se alcançava o festim
vinha num burro possante
alvo da côr de jasmim

Assim que o cachorro viu
Valdivino se appear
rosnou e partiu pra ele
querendo o estraçalhar
só não rasgou-lhe a garganta
devido o velho o pegar

Tremia o queixo e babava
fitando all Valdivino
uivava como que já
tivesse perdido o tino
só faltava era dizer:
eis aí o assassino!

E foi para o pé da cruz
e all pegou a uivar
fitando os olhos ao céu
como quem quer suplicar
como quem diz: ó Deus
vem que não posso falar!

O bispo disse: Valdivino
você está descoberto
foste o autor sanguinário
das mortes deste deserto
aquele cachorro deu
um depoimento certo,

O monstro vendo o perigo
fez tudo para negar
o bispo disse: meu filho
não há mentira em olhar
os olhos são verdadeiros
não podem nada ocultar

Os olhos também se queixam
um olhar diz o que sente
ameaça ou traição
punição severamente
declara mágoa ou dor
porém o olhar não mente

—O olhar daquele cão
está demonstrando a dor
o sentimento profundo
da morte do seu senhor
ele só falta falar
e apontar o matador

Naquilo duas crianças
que estavam em brincadeira
uma delas se trepou
num galho da gameleira
tirando um ninho de rato
achou nele uma carteira

O leitor deve lembrar-se
dum verso que aqui já leu
veja na véspera do crime,
o que Valdivino escreveu
que no tronco da gameleira
a carteira se perdeu

Ali trouxeram a carteira
entregaram ao general
o bispo lhe disse: senhor
o que lhe disse afinal?
não lhe disse que os olhos
só dizem o que é legal?

Valdivino disse tudo
em sua interrogação
Calar all demonstrou
ter grande satisfação
pulava um metro de altura
e rolava pelo chão

Corria escaramuçando
como quem está em folia
festejou o general
com desmarcada alegria
como quem dizia: nesse
encontrei o que queria

O povo todo da festa
quis a Valdivino lichar
o bispo e o presidente
tratarem de acalmar
garantindo que a justiça
havia de o castigar

Salu preso Valdivino
Calar o acompanhou
o velho Pedro chamava
mas ele não escutou
voltou quando Valdivino
preso aos ferros deixou

O general ao sair
ordenou ao cozinheiro
que desse ao velho Calar
um bom lombo de carneiro
porque muito merecia
aquele bom companheiro

O criado deu o lombo
 Calar nem para ele olhou
 saiu o povo da festa
 e o lombo lá ficou
 o cachorro veio comer
 à noite quando voltou

A mulher de Elizario
 sabendo o que aconteceu
 deu-lhe um ataque tão forte
 que no chão se estendeu
 passou a noite sem fala
 de madrugada morreu

Juvenal um espanhol
 parente de Elizario
 chegando lá disse ao velho:
 você é millionario
 compre 3 ou 4 médicos
 que provem ele está vario

—Porque ele estando vario
 não poderá ser julgado
 o processo fica inválido
 não pode ser condenado
 aí o senhor procura
 o melhor advogado

Elizario pensou
 aquilo ser acertado
 do contrario Valdivino
 ia ser executado
 e tinha toda certeza
 ele morrer enforcado

Dirigiu-se à capital
procurou um advogado
esse arranjou 5 médicos
sendo o réu examinado
provaram que há 4 anos
ele era treeloucado

O bispo e o presidente
consultaram ao general
mandaram vir 4 médicos
do reino de Portugal
e fizeram na Bahia
uma junta especial

Vieram de Portugal
quatro médicos escolhidos
que por dinheiro sem conta
não seriam ludidos
esses homens de carater
jamais seriam ludidos

E examinaram o réu
e cada um de persi
depois disseram que nunca
houve tal loucura ali
nem sequer nervoso havia
todos juraram ai

Fizeram novo processo
depois dele examinado
estando pronto o processo
Veldivino foi julgado
a sentença que pegou
foi pra morrer enforcado

Não havia mais recurso
estava tudo consumado
o réu dali a 3 dias
ia ser executado
não tinha mais que apelar
já tinha sido julgado

O velho quase sem jeito
sem nada mais conseguir
tentou o último meio
a fim do filho fugir
mas só dos degraus da forca
podia se escapular

Então soube que o carrasco
era um tal de Zefirino
um calibre mais eu menos
igual ao de Valdivino
tinha os 3 dons da desgraça
covarde, vil, assassino

Era um mulato laranja
de aspecto aborrecido
o couro da testa dele
sempre se via franzido
os cabelos bem vermelhos
rosto largo não comprido

Foi o velho Elizário
e esse tal Zefirino
ver se esse podia dar
evasão a Valdivino
dizendo: ele pula da forca
e depois toma destino

— Pegue 10 contos de réis
que lhe dou adiantado
e se tiver a fortuna
dele não ser enforcado
dar-lhe-ei mais 20 contos ;
o dinheiro está guardado

Então disse Zefirino:
isso é difícil arranjar
porem quando ele subir
eu finjo me descuidar
ele que vai prevenido
trate logo de saltar

Disse Zefirino ao velho:
o senhor deve aprontar
um cavalo bem ligeiro
para quando ele saltar
montar-se logo e correr
antes do povo chegar

— Eu hoje direi a ele
tudo que está planejado
que cor será o cavalo
que deverá estar selado?

— Diga que é o poldro cobra
em que andava ele montado

Valdivino quando soube
dessa consulta que havia
ficou como uma criança

chorava de alegria
jurando no mesmo instante
que Calar o pagaria

E quando chegou o dia
estava o povo aglomerado
Valdivino de Amorim
ia ser executado
tudo ali estava esperando
ele morrer enforcado

Presente ao estado maior
que vinha presenciar
subiu Valdivino a forca
Zefirino foi laçar
porem ele se encolhendo
conseguiu dali saltar

E saiu como uma flecha
entre o povo se meteu
se montando no cavalo
dali desapareceu
internando-se no mato
num instante se escondeu

O povo indignou-se
com a fuga de Valdivino
um deles que ali estava
estranguleu Zefirino
porque esse tinha dado
evasão ao assassino

Porem chegou o cachorro
quase na occasião
soltou 2 ou 3 latidos
saiu de venta no chão
63 praças foram
tambem na perseguição

Porem Valdivino la
mem bom cavallo montado
tinha grande desvantagem
por não ter saido armado
e Calar no rastro dele
ganha muito vexado

Foi preso Elizário
como autor da evasão
o povo não o matou
porem foi para a prisão
e o bispo que saiu
pedindo a população

Era meia-noite em ponto
Valdivino inda corria
o cavallo já cansado
que nada mais resistia
e o cachorro Calar
de vez em quando latia

Valdivino conhecendo
que a ele nada valia
e o cachorro Calar

seu rastro não deixaria
pensou em suicidar-se
só assim descansaria

Dentro do mato apeou-se
e amarrou o cavalo
encostou-se numa pedra
sentiu alguém acordá-lo
nisso o cavalo espantou-se
ele não pode pegá-lo

Seguiu por uma verêda
descalço e todo rompido
ouvindo de vez em quando
Calar soltar um ganido
foi sair bem no lugar
que os crimes tinham havido

Ele viu a gameleira
que sombreava a estrada
Floriano de Oliveira
Angelita e Esmeralda
Sebastião de Oliveira
e dona Maria prostrada

Viu vir uma carruagem
nela vinha um magistrado
que saudou os 5 vultos
depois de ter se apeado
exclamou: sangue inocente
breve hás de ser vingado!

Tornou a tomar o carro
e motando foi embora
nesse momento Galar
vem com a lingua de fora
festejou todos os vultos
e partiu na mesma hora

Um dos vultos chamou ele
o cachorro estacou
Valdivino não ouviu
a que o fantasma falou
só ouviu foi dizer: volte...
e o cachorro voltou

o criminoso pensou
que ali não escaparia
lembrou se duma pessoa
que morava na Bahia
pois tinha onde ocultá lo
que nem o cachorro via

Era um compadre amigo
a quem ele protegeu
que com dinheiro do pai
esse tal enriqueceu
e la sempre visitá lo
quando a justiça o prendeu

Valdivino calculou;
o que eu devo fazer
é ir para o quintal dele

por ali me esconder
ou ele ou a mulher dele
um há de aparecer

E saiu o assassino
chegando lá se escondeu
não houve ali quem o visse
quando o dia amanheceu
o compadre veio fora
e ele lhe appareceu

Valdivino lhe pediu
que não o deixasse morrer
disse-lhe o velho Roberto:
eu tenho onde te esconder
porem ninguem mais daqui
desso não pode saber

Quatro dias decorriam
e o assassino escondido
debaixo dumas madeiras
estava ele metido
o pal dele na cadeia
já ia ser concluido

Num dia de quinta-feira
o velho Calar chegou
a força inda estava armada
Calar all se olhou
cravando a vista no céu
um uivo triste soltou

Veio ali o presidente
que trouxe um pão e lhe deu
Calar olhou para ele
cheirou os pés e gemeu
botando o pão entre as mãos
deitou-se e ali comeu

Chegou a força do mato
não trazendo o criminoso
o general com aquillo
ficou muito desgostoso
até o governador
ficou doente e nervoso

O povo em roda da força
só fazia lamentar
que o pai do assassino
devera se executar
todes pediam ao governo
que o mandasse enforcar

O cachorro levantou-se
como quem está chamando
foi à casa de Roberto
na porta ficou ulivando
olhava para Roberto
partia e ele rosando

O general com aquillo
ficou bastante nervoso
e disse ao governador:

estou muito receoso
que ali naquela casa
está oculto o criminoso

Então a força cercou
toda casa de Roberto
o cachorro só faltava
era dizer: está perto;
o general disse a ele:
o senhor está descoberto

Roberto ali descobriu
o assassino onde estava
debaixo dumas madeiras
o monstro se conservava
foi levado ao pé da fôrca
onde o povo o esperava

Contou tudo que se deu
antes de ser enforcado
os vultes que viu nas cruzes
a quem tinha assassinado
o segredo do cachorro
e o carro do magistrado

As cinco horas da tarde
a justiça o enforcou
o pai dele estava preso
assim que o sino dobrou
ali soltando um gemido
na mesma hora expirou

Estando morto o assassino
o botaram sobre o chão
o cachorro olhou-o bem
chamando tudo a atenção
soltou 2 ou três latidos
que espantou a multidão

Quando a policia ordenou
pra ser o corpo inhumado
sobre os pés do general
Calar caiu muito cansado
talvez querendo dizer:
general, muito obrigado

O general foi ver água
ao cachorro ofereceu
all o velho Calar
dols goles dagua bebeu
trouxeram-lhe uma fritada
porem ele não comeu

Festejando o general
as pernas dele abraçou
dirigiu-se ao presidente
a mesma ação praticou
depois desapareceu
novo destino tomou

Foi direto ao lugar
que o horrendo crime se deu
no pé da cruz de Angelita

ele cavou e gemeu
o velho Pedro o chamou
mas ele não atendeu

Deitou-se entre as 3 cruzeas
sua vida liquidou
nas condições dum guerreiro
que da batalha voltou
trazendo loiros de guerra
à sepultura baixou

O general quando soube
que Calar era sumido
e que faziam 3 dias
que não era aparecido
mandou gente procurá-lo
ficando muito sentido

Sairam 5 ou 6 praças
em procura de Calar
o general tinha dito:
não voltem sem o achar
tragam ele direitinho
não o façam maltratar

As praças foram ao lugar
onde os crimes tinham havido
onde a familia Oliveira
tinha toda sucumbido
bem no pé duma das cruzeas
tinha o velho cão morrido

Tinha pôsto termo a vida
o maior dos lutadores
o que em sua existência
viu o horror dos horrores
que sem falar descobriu
quem matou os seus senhores

O general quando soube
da forma que tinham achado
mandou fazer uma cova
e nela foi enterrado
um dos amigos mais firmes
que no mundo foi criado

E nas mortes dos senhores
ele afirmou ter ação
provou que tinha amizade
ao velho Sebastião
a morte só foi vingada
por sua perseguição

Só não fez foi dizer nada
mas provou por sua vez
apontou só com a vista
o monstro que os crimes fez
seus olhos diziam ao público:
esse matou todos três

Deltou-se encostado as cruzes
que haviam edificado
tinha morrido há 3 dias

e nem sequer estava inchado
como quem dizia: agora
posso morrer, estou vingado

Mais de duzentas pessoas
assistiram enterrar ele
devido a grande firmeza
que tinha se visto nele
muitas flores naturais
deitaram na cova dele

Agora vejam, leitores
quem era o velho Calar
e como Sebastião
um dia pode o achar
ele tinha cinco dias
o dono ia o matar

Então o velho Oliveira
achou ser ingratição
matar aquele inocente
embora fosse ele um cão
porem disse: a caridade
não se faz só a cristão

E levou-o para casa
disse a mulher que criasse
dizendo: pode ser bom
algum dia lnda caçasse
quando nada da fazenda
talvez os bichos espantasse

De fato, Calar criou-se
era um cão caçador
marsojá e raposa
tinham dele tal pavor
que passavam muito longe
da fazenda do senhor

Era o vigia da noite
um minuto não dormia
numa coiza que guardavam
o velho cão não bolla
só quando os donos lhe davam
era quando se servia

A familia Oliveira
às vezes a conversar
a velha dizia aos filhos:
esse cachorro Calar
tem expressão de pessoa
que conhece o seu lugar

Em casa do dono dele
à noite nada chegava
um bacurau que voasse
ele se erguia e ladrava
do poleiro das galinhas
até coruja espantava

Como era muito bom
o dono sempre caçava
porem a vizinho algum

à noite acompanhava
e só ia para o mato
quando o senhor o chamava

Depois de terem morrido
os senhores de Calar
o pobre cão toda noite
ia para aquele lugar
olhava para as 3 cruzes
levava a noite a ulvar

Latia e fitava o céu
que causava pena e dó
via sangue no capim
ele cobria com pó
não queria ir para casa
passava a noite ali só

O velho Pedro dos Anjos
vizinho de Sebastião
achou que aquele animal
merecia compaixão
chamou-o para não vê-lo
morrer sem ter remissão

O velho Pedro caçava
todo noite com Calar
mas ele só ia à caça
depois que ia ao lugar
aos pés daquelas cruzes
não deixava de ulvar

E assim morreu Calar
ficou também descansado
era um cão, porém deixou
seu nome imortalizado
morreu depois de vingar
quem já tinha o livrado

Tertor, não levantei falso
Esorevi o que se deu
Acredite que esse fato
Na Bahia aconteceu
Depois de lutar então
Rolou Calar sobre o chão
Onde seu senhor morreu

— F I M —

Juazeiro, 20/05/81

Lira Nordestina

Maria de Jesus Silva Diniz

Grande variedade de folhetos e orações
Rua Sta Luzia 263 — FONE: 511-0166

Juazeiro do Norte-Ceará

A G E N T E S :

EDSON PINTO DA SILVA

Mercado S. José — Compartimento N.7
Recife — Pernambuco

ANTONIO ALVES DA SILVA

Mercado Central — Box 127
Terezina Piauí

MANOEL PINTO DA COSTA

Praça do Mercado Central, 33
6705 — Bacabal — Maranhão

MARIA JOSÉ DA SILVA

Rua Prof João Severo, 70
Bayeux — Paraíba

SEVERINO JOSÉ DOS SANTOS

Rua Eng. Paulo Lopes, 695
Lote 4, final Onibus, 745 Cascadura
Bangu — Rio de Janeiro — RJ

ARTHUR PEREIRA DE SALLES

Av. Santana do Ipanema 315
Bairro Cruz das Almas -- Maceló--AL



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).